

Política comercial dos EUA tem de mudar

Por Rana Foroohar

Valor, 08/02/2022

País não têm uma teoria nova para o comércio exterior na nossa era pós-neoliberal. Precisam de uma, para já

Se você tem dúvida de que saímos da era do livre comércio, ou “laissez-faire”, leia um relatório oficial divulgado no ano passado pelo governo chinês. O título, “Os Controles da China sobre Exportações”, não é brilhante. Mas as conclusões, sim, pelo menos para os que se importam com comércio internacional.

“O mundo está passando por mudanças profundas, de uma escala nunca vista em um século, com um aumento de fatores desestabilizantes e de incertezas”, diz um trecho. “A situação e o papel de medidas justas, razoáveis e não discriminatórias de controle das exportações estão crescendo em importância como meio eficaz de abordar os riscos e desafios de segurança internacionais e regionais e de preservar a paz e o desenvolvimento mundiais”.

Por um lado, isso não nos diz nada que já não soubéssemos com base nos últimos anos das batalhas comerciais entre Estados Unidos e China, especialmente em torno de tecnologias de alto crescimento. Mas a argumentação chinesa merece estreita atenção, pois, por muitas vezes, quando políticos, reguladores e formuladores de políticas públicas americanos defendem a mesma ideia, são demolidos como protecionistas, nacionalistas ou coisa pior. Isso vale até dentro do próprio governo dos Estados Unidos, onde parece haver dois grupos opostos.

O primeiro, o time do Status Quo, é forte no Departamento de Estado e em modelos de comércio. Eles querem acreditar que os americanos conseguirão de alguma forma voltar no tempo para a década de 1990, uma época de deliberada cegueira para com o modelo “um mundo, dois sistemas”, no qual a China e as democracias liberais cooperariam para seu benefício mútuo, apesar de manter sistemas políticos e econômicos fundamentalmente distintos.

O segundo, o time das Novas Regras, inclui Katherine Tai, a representante de Comércio dos EUA, bem como outras autoridades do governo interessadas em questões de segurança trabalhistas, climáticas e de longo prazo. Eles têm um enfoque mais realista, por entender que, mesmo se os Estados Unidos quisessem voltar a uma postura neoliberal no comércio exterior, que priorizasse o acesso ao mercado para grandes empresas em detrimento de melhores salários, da capacidade de fabricar produtos fundamentais ou da proteção ao planeta, a China estaria tomando outra direção.

O plano de Pequim conhecido como de dupla circulação é um decisivo afastamento das regras da Organização Mundial de Comércio (OMC) e dos acordos multilaterais orquestrados pelos tecnocratas de EUA e Europa. Prioriza a autossuficiência, a inovação autóctone e a utilização de todos os recursos estratégicos a fim de moldar um mundo em que os EUA deixem de ditar a maior parte das regras. Isso significa denominar mais contratos em renminbi, a melhor medida para reduzir a alavancagem financeira dada pelo dólar aos EUA. Envolve também usar as cadeias de suprimentos como armas - diversas brechas legislativas nos Estados Unidos ainda permitem que Estados e empresas adquiram produtos, como equipamentos de proteção individual, da China.

Este é o quadro atual. A única pergunta é como os Estados Unidos deveriam reagir. O time do Status Quo deveria abandonar a ideia bastante arrogante de que os EUA possam voltar à era Clinton ou de que o eleitorado quer isso. E os EUA deveriam criar uma política de comércio exterior para os dias de hoje. O ponto de partida deveriam ser as metas. Em vez de simplesmente firmar novos contratos comerciais sem qualquer compreensão concreta sobre qual sua ligação com a realidade geopolítica atual, os Estados Unidos deveriam se perguntar: “que tipo de economia queremos construir?”

O novo acordo deveria ser economicamente justo e geopoliticamente seguro, com igualdade de condições para empresas de todos os tamanhos, melhores salários e padrões ambientais, cadeias de suprimentos resilientes e um patrimônio comum industrial em grande expansão. Isso é especialmente importante para a inovação em setores como os de semicondutores, nos quais as empresas aprendem por meio da prática.

Uma vez definidas as metas prioritárias, o governo [americano] poderá articular políticas coerentes e costurar acordos comerciais estratégicos. É exatamente isso o que a China faz. Na verdade, o país vai além, ao incorporar o comércio internacional como parte de uma visão econômica muito maior, medida em décadas, não em trimestres - nem, como foi o caso do presidente anterior dos Estados Unidos, em tuítes.

Esse tipo de planejamento de cima para baixo é complicado, arriscado e inadequado para os Estados Unidos. Mas um maior grau de pensamento estratégico voltado para um novo mundo não é. “O comércio é uma ferramenta”, diz Lori Wallach, uma advogada de comércio internacional que dirige o programa Rethink Trade no instituto de análise e pesquisa American Economic Liberties Project, focado em diluir concentrações de poder econômico. “Este governo articulou metas como a criação de bons empregos para trabalhadores com ou sem ensino superior e o fortalecimento da resiliência da economia”, acrescenta, “e nossa política de comércio e nossos contratos têm de se empenhar em não comprometê-las”.

Um exemplo atual é a briga em torno dos projetos de lei federais de Competição da Câmara dos Deputados dos EUA e de Inovação e Competição do Senado. Ambos apoiam o aumento da produção interna de chips e a reconstrução de cadeias de suprimentos decisivas. Mas o projeto da Câmara tem uma análise e um enfoque mais profundos sobre a contratação da produção de bens e de capital no exterior, melhores proteções ambientais e assistência mais sólida a ajustes comerciais. Isso é essencial para os democratas evitarem os equívocos da era Clinton, quando pressionaram pelo comércio externo irrestrito sem direcionar qualquer apoio aos que perderam empregos, alguns dos quais passaram a apoiar Donald Trump. Para os democratas, essa foi a opção de política pública mais devastadora do ponto de vista político dos últimos 20 anos.

Eu poderia prosseguir. Há inúmeras incoerências entre as metas e iniciativas da Casa Branca, como a Buy America, que na verdade preferia produtos americanos somados aos de 60 outros países com economias e sistemas políticos amplamente diversificados, ou o que pensamos sobre o comércio e a segurança pan-asiáticos. A questão é que os Estados Unidos não têm uma teoria nova, unificadora, para a política de comércio exterior na nossa era pós-neoliberal. E precisam de uma, para já. **(Tradução de Rachel Warszawski)**